

MIGUEL HORTA E COSTA SOBRE O MENSALÃO

Não é a PT que tem o ónus da prova

A PORTUGAL TELECOM diz estar disponível para prestar esclarecimentos no âmbito do caso "mensalão", mas Miguel Horta e Costa diz que não cabe à PT o ónus da prova. Até porque, segundo declara, não tem nada para provar. Pág. 22, 23, 40 e Editorial

Nunca fomos solicitados para financiamentos partidários

▶ Deputados brasileiros querem investigar em Portugal

▶ Lula diz que Marcos Valério nunca representou governo



Química Hovione vai deslocalizar produção

A HOVIONE, química farmacêutica portuguesa, considera que a actividade industrial em Portugal está condenada. A empresa familiar vai reforçar a produção na fábrica que detém na China e está à procura de novos destinos para deslocalizar actividade industrial. O desinvestimento na área produtiva na fábrica de Loures é o primeiro passo nesta deslocalização gradual. No entanto, a empresa pretende manter em Portugal a componente de investigação e desenvolvimento. Págs. 6 e 7

▶ Empresa acusa Estado de não cumprir benefícios fiscais à internacionalização.

Novo presidente da Caixa já distribuiu pelouros

Pág. 10



▶ Carlos Santos Ferreira
Banca de investimento,
auditoria interna, direcção
de risco e comunicação.



▶ Armando Vara
Direcção de empresas,
Norte e Sul, e participações
financeiras



▶ Maldonado Gonelha
Recursos humanos,
grandes empresas e
"Projecto Líder"



▶ Vítor Fernandes
Seguros, sistemas
de informação e canais
electrónicos

Multibanco SIBS abre acesso a não accionistas

A SIBS - SOCIEDADE INTERBANCÁRIA de Serviços, dona da rede Multibanco, alterou os seus estatutos por forma a permitir o acesso ao seu sistema de pagamentos por entidades que não sejam seus accionistas. Esta alteração é fundamentada pelas mudanças que ocorreram no sector bancário em Portugal. O BIG - Banco de Investimento Global foi a primeira instituição a aproveitar esta mudança, com o lançamento, este mês, do seu primeiro cartão de débito. Pág. 4

▶ BIG é o primeiro banco a poder aceder à rede Multibanco nas novas condições.

Reforma do Estado pronta até Junho

A REESTRUTURAÇÃO da Administração Central do Estado vai estar concluída até Junho de 2006. Esta é a garantia dada pelo Governo na resolução que estabelece os objectivos, princípios e metodologia do

Programa. Segundo o diploma, ontem publicado em "Diário da República", este programa vai ser concretizado através da criação de uma comissão técnica e de grupos de trabalho em cada um dos Mi-

nistérios que irão fazer uma "avaliação das atribuições, competências, estruturas administrativas, principais procedimentos administrativos e recursos financeiros e humanos afectos a cada um dos Minis-

térios". A concentração de actividades comuns nas Secretarias-Gerais dos Ministérios, a desconcentração de funções e descentralização de competências são alguns dos objectivos do programa. Pág. 23

Novabase

www.novabase.pt

Edição Fim de semana

Educação

Maioria do exames com média negativa

Os exames do Ensino Secundário continuam no vermelho. Pág. 24

Media

Futebol dá retorno de 32 milhões à Galp

Petrolífera lidera "ranking" do primeiro semestre Pág. 12

Publicidade

José Mourinho domina marcas

Adidas é a nova conquista, depois do BPI. Pág. 13



Suplemento diário

Protocolo: não é etiqueta, é poder

- ▶▶ A importância das aparências
- ▶▶ Hábitos: como viajamos
- ▶▶ Conto do Vigário, Privadíssimos...

Paula Teixeira da Cruz Advogada

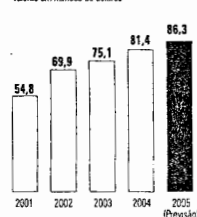


Págs. 39

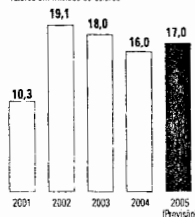
II QUÍMICA Empresa portuguesa familiar emprega mais de 450 pessoas na fábrica de Loures

Hovione vai deslocalizar produção industrial para fora de Portugal de forma gradual

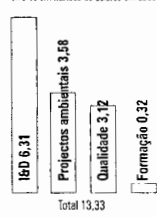
► Volume de negócios
Valores em milhões de dólares



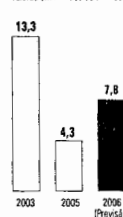
► EBITDA
Valores em milhões de dólares



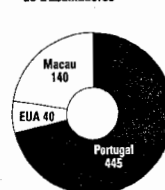
► Investimentos por área
Valores em milhões de dólares em 2003



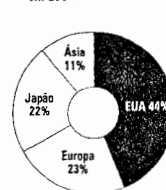
► Investimento total
Valores em milhões de dólares



► Distribuição de trabalhadores



► Exportações em 2004



Fonte: Hovione

TANIA FERREIRA tf@mediain.pt

A PORTUGUESA Hovione, que desenvolve e produz substâncias activas para a indústria farmacêutica internacional, diz que a actividade industrial do grupo está condenada em Portugal. Em alternativa, a química-farmacêutica vai reforçar a produção na fábrica que tem na China, estando também já à procura de um novo país de acolhimento, em que o Canadá pautou como um dos eventuais destinos.

Este cenário foi admitido pelo administrador-delegado da Hovione, Guy Villax, em entrevista ao Jornal de Negócios. A preferência dos clientes americanos – o mercado maior e mais lucrativo – em recorrer a serviços da unidade fabril da Taipá em Macau, em detrimento de Portugal, como resultado dos custos e prazos acrescidos pela legislação europeia, é um dos exemplos que o gestor aponta para esta estratégia da Hovione “fugir” de Portugal. Em 2004, a produção em Portugal reduziu 4%, tendo crescido 8% em termos consolidados.

A desvalorização do dólar face ao euro, que se verifica desde 2002 e que continua a afectar a competitividade das operações da Hovione em Portugal, é outro factor a pesar na decisão. Isto porque, a maioria (70%) dos contratos e da contabilidade da Hovione estão em dólares. Em 2004, o dólar atingiu o valor mais baixo de sempre contra o euro, enfraquecendo em 7,5% a competitividade da empresa.

O desinvestimento na área produtiva na unidade fabril de Loures a partir do próximo ano é o primeiro passo deste processo de deslocalização. “Não vamos investir em mais capacidade industrial em Portugal, porque a prazo esta unidade está condenada”. Questionado sobre a possibilidade de em Portugal ficar apenas a sede do Grupo, Villax respondeu, após uma pausa, que “as



Guy Villax, administrador da Hovione, explica o estado do sector e a necessidade de deslocalização da produção.

empresas operam onde acham que têm vantagens comparativas e não é este o caso”.

Já a componente de investigação e desenvolvimento (I&D) deverá para já manter-se em Portugal, sendo até provável que venha a crescer em Loures.

O gestor afirma que “no nosso negócio é um absurdo ter a capacidade de investiga-

ção desligada da industrial, mas se tiver de ser, é”.

Na área de I&D, a fábrica de Loures beneficiou, no ano passado, do alargamento das instalações e de uma nova tecnologia, que resultaram “numa importante procura por parte de novos clientes, tendo já concretizado lucrativos contratos de colaboração de I&D”.

No âmbito do processo de

deslocalização, a empresa em 2004 alienou a totalidade das suas participações no estrangeiro, deixando assim de ser accionista das empresas do grupo proprietárias da fábrica em Macau e do centro de investigação nos EUA. Esta operação gerou uma mais-valia de 2,8 milhões de euros e um custo fiscal de 9 mil. “A empresa viu-se obrigada a re-

► Fisco “foge” a incentivos acordados para projecto de internacionalização

A Hovione acusa o Estado de incumprimento na concessão de benefícios fiscais, acordados no âmbito do projecto de internacionalização para os EUA no valor de 16,5 milhões de euros. Em 2000, o grupo químico-farmacêutico português decidiu investir na criação de um centro de transferência de tecnologia nos EUA, na sequência de um repto lançado pelo Governo de Guterres para as empresas nacionais avançarem para o mercado externo, que, em contrapartida, beneficiariam de incentivos fiscais. Acontece que a Hovione não vai poder contar com estes benefícios, em sede de IRC e IVA. Em Maio deste ano, o Ministério das Finanças enviou uma carta – a que o Jornal de Negócios teve acesso – afirmando que a empresa não tem direito a nada. O projecto não é elegível, (...) por incumprimento do requisito exigido no nº3 do artigo 1º do Decreto-Lei nº401/99, (...) dado que o investimento não contribui positivamente para os resultados de exploração da empresa promotora durante o prazo estabelecido no nº1 do artigo 9º do referido diploma. Assim irá proceder-se ao arquivamento do processo”, diz o documento. Afirmando que não vai recorrer da decisão, Guy Villax ressalva que “isto é inacreditável num país que apregoa o choque tecnológico como a salvação de Portugal, quando se está a falar de um projecto de alta tecnologia”, salientando que “descredibiliza a imagem do Estado”. Segundo o gestor, o centro de investigação nos EUA, que emprega 40 cientistas, teve um papel preponderante no desempenho de todas as unidades de negócio do Grupo, contribuindo para a consolidação da imagem da Hovione e para a angariação de um cada vez maior número de novos projectos junto das “biotechs” americanas, beneficiando directamente todas as unidades do grupo, incluindo a de Loures”. Villax precisa que a situação de crise do sector mantém-se, com as seis maiores empresas concorrentes a apresentarem uma redução média de 14% nas vendas, enquanto a Hovione esteve em contra-ciclo e conseguiu resultados positivos, devido ao investimento em inovação. Os resultados operacionais foram de um milhão de dólares e o “cash-flow” operacional atingiu os 8,3 milhões de dólares, com uma geração de VAB de 23,6 milhões de dólares. TF

conhecer que o “core-business” não deve incluir a gestão de participações, mas centrar-se somente na investigação, desenvolvimento e fabricação de princípios activos farmacêuticos” (ver texto ao lado).

Em Macau, a estratégia definida há anos mantém-se, uma vez que “produz com eficiência e de forma competitiva, isenta dos enquadramentos

regulamentares comunitários que ferem a competitividade da indústria química europeia”, explica o responsável. Aquela fábrica actua em conformidade com as exigências de qualidade da autoridade de saúde dos EUA. A China é a origem de mais de 50% das matérias-primas da Hovione, sendo ainda veículo de transferência de tecnologia.

II ENTREVISTA CEO da Hovione explica estratégia do Grupo

Investir em química na Europa é errado. É inevitável ir para fora.

TÂNIA FERREIRA tff@mediainf.pt

OS PRIMEIROS PASSOS para a internacionalização desta empresa portuguesa de base familiar, mas que opera num sector de alta tecnologia e vende mais de 85 milhões de euros fora de Portugal, foram dados em Macau nos anos 80, por falta de condições produtivas em Portugal. Em 2000 foi para os EUA à procura de mais inovação, empurrada pelos custos e prazos europeus. Agora pensa em transferir a produção para fora de Portugal. Guy Villax explica a decisão.



Pedro Aresta

Como justifica o desinvestimento produtivo em Portugal?

Actualmente, a opção de investir na Europa é errada e em Portugal é ainda pior. É inevitável crescer lá fora. A forma como a Europa se está a destruir com burocracia e falta de controlo é preocupante por ser europeu. Mas como empresário não tenho alternativa. A excessiva burocracia que leva a elevados prazos e os custos inerentes levaram-nos a criar o centro de investigação nos EUA. Não podíamos dizer aos clientes americanos que somos competitivos, se o produto vai demorar cerca de seis meses a estar pronto. Há uma clara vantagem competitiva em oferecer estes serviços fora da Europa. Se fomos para os EUA foi para servir melhor os nossos clientes, porque não o conseguimos fazer tão bem aqui em Portugal, ao nível de serviço e rapidez.

A rapidez dos EUA não coloca em causa a qualidade?

Nos EUA temos um regime muito mais duro com as empresas, sobretudo ao nível da

A forma como a Europa se está a destruir com burocracia e falta de controlo é assustadora.

As farmacêuticas portuguesas actuam com base no preço e não valorizam a qualidade que colocamos nos produtos.

fiscalização. A Europa tem um labirinto de legislação acompanhado de uma ausência de fiscalização e sanções. Temos aqui uma situação clara de vantagem competitiva do incumprimento. Nos EUA quem faz disparate vai para a prisão. Na Europa ninguém é condenado.

Qual foi o motivo para ir para Macau?

Os disparates pós anos 70 levaram-nos para lá. Portugal era um país com taxas de juro a 31%, onde era impossível a uma empresa internacional ter recurso a moedas estrangeiras para ter uma boa gestão financeira. Além disso, uma empresa internacional pagava 36%

de direitos de importação pela matéria-prima para ir concorrer no mercado internacional.

A Hovione tem sofrido com a desvalorização do dólar face ao euro?

Sem dúvida. Devido à fraqueza do dólar, a nossa competitividade foi reduzida e os custos estão a crescer invulgarmente depressa, em cerca de 35% em três anos. A facturação principal, 70%, é feita nesta moeda. Das 630 pessoas que empregamos, 450 estão em Portugal. Para tentarmos combater isto, todas as compras de matérias-primas são sempre feitas na mesma moeda do produto de venda. Cada vez mais, temos menos custos em Portugal e

cada vez mais em Macau, que negocia em patacas, associada ao dólar. Toda a dívida da Hovione está em dólares, somando 37 milhões.

O enfraquecimento do dólar contribuiu para a diminuição de investimentos do grupo?

Sim. Reduzimos de forma bastante significativa o volume de investimentos. Há regras de prudência que nos obrigam a não investir, como fazíamos, a maior parte dos nossos resultados líquidos. Temos de ter uma certa política aforrista, neste momento.

A vossa produção é integralmente vendida para o estrangeiro. Porquê?

Exportamos 100% da produção porque em Portugal não há um grau de exigência suficiente por parte dos clientes e das autoridades de saúde. Não lhe parece curioso que uma empresa que produz em Portugal de acordo com os padrões mais exigentes não arranja clientes em Portugal? O FDA [autoridade de saúde americana] diz que em 2005 só vão haver 19 medicamentos com vendas mais de 200 milhões de dólares. A Hovione está por trás de três deles. A qualidade que a Hovione introduz nos seus produtos e serviços e que é altamente valorizada por clientes americanos, japoneses e do Norte da Europa, não é valorizada em Portugal.

Porquê?

Uma das razões é que estas empresas procuram muito com base no factor preço. Provavelmente porque as autoridades nacionais não terão o mesmo nível de exigência.

Breves

DISTRIBUIÇÃO Ahold termina semestre com vendas inalteradas

O grupo de distribuição holandês Ahold – que detém 49% da Jerónimo Martins Retail – registou vendas líquidas de 23,41 mil milhões de euros no primeiro semestre, o que representa um decréscimo de 0,9% face a igual período de 2004, excluindo os efeitos das operações descontinua-

das, no âmbito das normas internacionais de contabilidade, anunciou ontem a companhia. No semestre, as vendas das "joint-ventures" não consolidadas, como é o caso da JMR, recuaram no seu conjunto 0,2%, para 2,8 mil milhões de euros, com base nos dados preliminares da Ahold.

METALÚRGICA Ferpinta inaugura fábrica em Angola no próximo ano

A Ferpinta vai inaugurar no próximo ano uma nova fábrica de tubos de aço em Angola, que terá uma facturação de 5,6 milhões de euros, noticiou o "Jornal de Angola". O grupo Ferpinta, com mais de 900 trabalhadores e um volume de negócios superior a 270 milhões de euros, está implantado em

Portugal, Espanha, Angola e Moçambique, operando nas áreas da metalomecânica, agro-pecuária e turismo. Em Portugal, está em curso um investimento de 27 milhões de euros na construção de uma nova fábrica, com arranque previsto para o segundo semestre de 2006.

DISTRIBUIÇÃO Lucros da Unilever caem 6% no primeiro semestre

A Unilever, fabricante do Lipton Ice Tea, registou uma queda dos lucros de 5,93% para os 1,66 mil milhões de euros no primeiro semestre. No segundo trimestre, a queda dos lucros ascendeu a 28%, numa altura em que a empresa provisionou o valor do negócio de produtos dietéticos, SlimFast, pela se-

gunda vez devido à queda das vendas. Os resultados líquidos do segundo trimestre caíram para 731 milhões de euros. As vendas cresceram 1% para os 10,22 euros. O valor provisionado pela Unilever devido à quebra de vendas da SlimFast ascendeu a 1,1 mil milhões de euros.

SEGUROS Lucros da Munich Re caem 74% no segundo trimestre

Os lucros da resseguradora Munich Re caíram 74% no segundo trimestre, o que representa a primeira queda em dois anos, depois de aumentar as reservas na sua unidade dos EUA. Os resultados líquidos da empresa alemã recuaram para 164 milhões de euros, o que compara com os 628 milhões

de euros registados no homólogo. Os números apresentados ficaram aquém das estimativas dos analistas consultados pela Bloomberg que esperavam lucros de 365 milhões de euros. As seguradoras estão a tentar manter os preços num ano marcado por várias tempestades nos EUA e no Japão.

BCP INVESTIMENTO - Banco Comercial Português de Investimento, S. A.
Sede: Av. José Malhoa, Lote 1686 - 1070-157 Lisboa
Capital Social: 75 000 000 Euros
Matrikulada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 59 521
Pessoa Colectiva n.º 501 451 250

OBG CX. BCPi REND/TO CRESC. FEV. 04/07 1º EM
Pagamento de Juros do Cupão n.º 3
Anúncio Rectificativo

Atiram-se os Senhores Obrigacionistas que, a partir de 18 de Agosto de 2005, se encontra a pagamento o juro relativo ao cupão n.º 3, das obrigações com o código da Central de Valores Mobiliários BTRXEX, pelos seguintes valores:

Juro Líquido	Euros	0,750000000
IRS/IRC (20%)	Euros	0,150000000
Juro Líquido a Pagar	Euros	0,600000000

O agente pagador nomeado para o efeito é o Banco Comercial Português, S. A. - Soc. Aberta.

Lisboa, 3 de Agosto de 2005

BCP INVESTIMENTO - Banco Comercial Português de Investimento, S. A.
Administração

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.
Sociedade Aberta
Sede: Praça D. João I, 28, 4000 PORTO
Capital Social: 3 257 400 827 Euros
Matrikulada na Conservatória do Registo Comercial do Porto sob o n.º 40043
Pessoa Colectiva n.º 501 525 882

OB. CX. BCP NOV./2011 2º EM
Pagamento de Juros do Cupão n.º 15

Atiram-se os Senhores Obrigacionistas que, a partir de 19 de Agosto de 2005, se encontra a pagamento o juro relativo ao cupão n.º 15, das obrigações com o código da Central de Valores Mobiliários BCPQXE, pelos seguintes valores:

Juro Líquido	Euros	0,612500000
IRS/IRC (20%)	Euros	0,122500000
Juro Líquido	Euros	0,490000000

O agente pagador nomeado para o efeito é o Banco Comercial Português, S.A.

Porto, 3 de Agosto de 2005

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S.A. - Sociedade Aberta
Administração

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.
Sociedade Aberta
Sede: Praça D. João I, 28, 4000 PORTO
Capital Social: 3 257 400 827 Euros
Matrikulada na Conservatória do Registo Comercial do Porto sob o n.º 40043
Pessoa Colectiva n.º 501 525 882

OB. CX. BCP NOV./2011 1º EM
Pagamento de Juros do Cupão n.º 15

Atiram-se os Senhores Obrigacionistas que, a partir de 19 de Agosto de 2005, se encontra a pagamento o juro relativo ao cupão n.º 15, das obrigações com o código da Central de Valores Mobiliários BCPPEX, pelos seguintes valores:

Juro Líquido	Euros	0,675000000
IRS/IRC (20%)	Euros	0,135000000
Juro Líquido	Euros	0,540000000

O agente pagador nomeado para o efeito é o Banco Comercial Português, S.A.

Porto, 3 de Agosto de 2005

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S.A. - Sociedade Aberta
Administração